

# Uma leitura interpretativa das “Orientações pastorais sobre a Renovação Carismática Católica” à luz da teoria da religião\*

(An interpretative reading of the “Pastoral guidelines  
for the Catholic Charismatic Renewal” in the light  
of the theory of religion)

Sélcio de Souza Silva\*

## Resumo

Com base na teoria da religião, qual seja, de que a religião ou o trabalho religioso, desenvolvido pelos profissionais especializados e investidos do poder institucional, deve sempre responder às eventuais dificuldades, instabilidades ou ameaças contextuais que se instauram no campo religioso, pretendemos evidenciar, neste artigo, a natureza particular dos interesses religiosos e a forma legitimadora no estabelecimento de suas funções na elaboração de diretrizes e normalizações da Igreja Católica. No firme propósito de coibir algumas práticas e fazer com que os leigos do Movimento da Renovação Carismática Católica (MRCC) cumpram algumas ações específicas (*habitus religiosus*), os bispos da CNBB elaboram o documento 53, da CNBB.<sup>1</sup> Nesse sentido, buscamos mostrar, *in concreto*, que a prática sacerdotal e as sistematizações impostas pela Igreja Católica da qual o corpo de profissionais (sacerdotes) são seus representantes legítimos e burocraticamente organizados nos seus deveres administrativos procuram manter o monopólio dos bens de salvação. Assim, ao anunciar que *extra ecclesiam nulla salus*, em oposição a quaisquer ameaças internas ou externas, busca garantir seu poder de legitimação que uma religião exerce sobre a força material e simbólica.

**Palavras-chave:** Teoria da religião; Igreja Católica; Resistência clerical; Renovação Carismática.

Partimos do pressuposto de que a religião cumpre funções sociológicas e, portanto, torna-se, assim, passível a análise sociológica. Todavia, os leigos, ao esperarem da religião respostas capazes de salvá-los de suas possíveis angústias

---

\* Artigo recebido em 16 de setembro de 2007 e aprovado para publicação em outubro de 2007.

\*\* Professor da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), doutorando em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Goiás (UCG), e-mail: selcio@terra.com.br.

<sup>1</sup> Documento da CNBB, n. 53, 34ª Reunião Ordinária do Conselho Permanente/94 – Brasília, DF, 22 a 25 de novembro de 1994.

existenciais, tais como a solidão, a miséria, a doença, o sofrimento e a morte, nem sempre podem se satisfazer tão-somente nesses pré-requisitos básicos de existência. Mas, sobretudo, naquilo que, de fato, justifique sua posição determinada que lhes sejam socialmente inerentes ao mundo em que vivem (BOURDIEU, 1998, p. 45-48).

Cabe, portanto, às instituições religiosas, baseando-se em sua proposta de visão de mundo, a tarefa de satisfazer seus interesses que nelas se encontram em jogo, desenvolvidos na especificidade de suas funções e executadas pela ação religiosa a serviço dos leigos e a diferentes agentes religiosos. Embora nem sempre as instituições religiosas sejam capazes de assegurar – conforme demonstra o desenrolar de sua história – a hegemonia religiosa. No caso específico da Igreja Católica, a ser discutida neste artigo, percebe-se que, desde o século VIII, ela não consegue impedir a existência de cismas ou heresias internas, o que compromete sua pretensa unidade.

Ademais, a Igreja, no seu firme propósito de impor o reconhecimento de seu monopólio e, finalmente, garantir sua perpetuação no exercício legítimo do poder religioso, tenta impedir, a todo o custo, que o profeta e sua seita (no nosso caso, o MRCC) ganhe *status* institucional. Para tal propósito, à medida que impõe o reconhecimento do seu monopólio, busca coibir novas formas de expressão ou novas empresas de salvação, isto é, novas seitas e quaisquer formas de comunidades independentes. *Verbi gratia*, uma manifestação de protesto leiga<sup>2</sup> *intra* muros, caso específico tratado neste artigo, quer se trate de uma ação manipuladora (magia ou feitiçaria) do sagrado, quer se trate de uma “profanação objetiva”, quando a magia ou feitiçaria for considerada como religião dominada, ou ainda da “profanação intencional”, mais propriamente a magia conquanto anti-religião ou religião invertida.

Procuraremos evidenciar também que – a partir do princípio de que quaisquer religiões universais enfrentam, no desenrolar de sua história, protestos contra os três campos de sua expressão religiosa, mencionados por Wach (1990), quais sejam, a teologia, o culto e a organização – o Movimento da Renovação Carismática Católica (MRCC), valendo-se de sua identidade conservadora em aspectos doutrinários, mas, ao mesmo tempo, inovadora em seus ritos e práticas, mostrou-se arredia quanto à prática de culto e de expressões milenares não usados habitualmente pela Igreja Católica nos dias atuais, a

---

<sup>2</sup> Para Wach, existem “três categorias principais de protesto: discrepância no terreno doutrinário, críticas da expressão de culto e objeção à natureza ou desenvolvimento da estrutura organizacional” (WACH, 1990, p. 205).

exemplo do “dom de línguas”. Em contrapartida, obteve indiferença, pela maioria do clero, por esse achar estranhas as práticas rituais carismáticas, não presentes no rito católico e na tradição teológica.

De fato, o desvio do ritual tradicional, por exemplo, o uso extraordinário dos dons carismáticos (glossolalia,<sup>3</sup> curas, profecias, exorcismos) – embora atuando *intra*-seio da Igreja Católica, carregado de evidentes tendências pentecostais –, preocupou o corpo de clérigos, principalmente do Brasil, fazendo com que esses profissionais, em reunião de Conferência Episcopal, elaborassem normas pastorais ao seu clero e membros da Renovação Carismática Católica (RCC), a fim de que a prática do culto dos carismáticos não comprometesse a unidade e legitimidade católica. Essa preocupação, por parte dos pastores legítimos, ganhou, certamente, repercussões mundiais no que diz respeito à Igreja Católica, uma vez que o fenômeno religioso dos carismas<sup>4</sup> já havia sido, no início dos anos 60, divulgado pelos quatro cantos do mundo.

### O desenvolvimento da instituição religiosa

No capítulo III, da obra **Sociologia da religião**, de Thomas O’Dea (1969), o referido autor dedica-o ao tema “A instituição da religião”, dividindo dois tipos principais de organização religiosa. Na primeira organização, “sociedades primitivas e arcaicas”, a religião é vista como um aspecto de vida de todos os grupos sociais, surgindo, somente com o tempo, o aparecimento de organizações especificamente religiosas. Nas sociedades tradicionais, os mesmos grupos satisfazem necessidades expressivas e adaptativas, enquanto, nas sociedades modernas, atendem a necessidades de adaptação.

O desenvolvimento das organizações religiosas se dá com base nas experiências religiosas específicas dos seus fundadores, figuras carismáticas, e seus discípulos, que, por sua vez, poderão substituir o fundador carismático, que fez experiência com o sagrado. Surge, então, a partir do carisma do fundador, uma forma de associação, uma forma de comunidade estável, direcionada a se transformar numa instituição religiosa.<sup>5</sup>

---

<sup>3</sup> Dom sobrenatural concedido aos apóstolos no dia de Pentecostes, pelo qual se tornaram capazes de falar várias línguas (At. 2, 1-13).

<sup>4</sup> Convém chamar carismas as propriedades simbólicas que se agregam aos agentes religiosos na medida em que aderem à ideologia do carisma, isto é, ao poder simbólico que lhes confere o fato de acreditarem no próprio poder simbólico (WEBER, 1999, p. 55).

<sup>5</sup> O carisma puro existe apenas no “processo de origem”. A manutenção do grupo, e do carisma de que depende, exige uma alteração radical do carisma e da autoridade que nele se baseia (O’DEA, 1969, p. 56).

O autor define culto como “reunião de gesto, palavra e meio simbólico de transmissão, que é o fenômeno religioso central” (O’DEA, 1969, p. 59). Assim, “o culto”, para o autor, “tornou-se a representação da experiência religiosa e a maneira pela qual os crentes exprimiam sua relação com o sagrado” [...]. Dessa forma, [...] “o ato do culto é um ato social ou de reunião, em que o grupo restabelece sua relação com os objetos sagrados e, através destes, com o além, e ao fazê-lo reforça sua solidariedade e reafirma seus valores” (O’DEA, 1969, p. 60-61). O rito é uma constante reiteração de sentimentos e uma repetição disciplinada de atitudes corretas; ele e a liturgia “desenvolvem-se como expressão de atitudes, em torno de incidentes, crises e transições importantes na vida do indivíduo e do grupo” (O’DEA, 1969, p. 60-61).

Bourdieu (1998) aborda sobre o surgimento e a estrutura do campo religioso, a divisão do trabalho religioso e o processo de sistematização das práticas e crenças religiosas. Essa divisão passa a existir a partir da separação do campo e cidade *pari passu* o desenvolvimento de um corpo de especialistas responsáveis pela gestão dos bens de salvação –, a fim de demonstrar que a instituição religiosa procura sempre manter sua hegemonia. Por essa razão, o autor define Igreja como uma organização que “visa conquistar ou preservar um monopólio mais ou menos total de um capital de graça institucional ou sacramental [...]” (BOURDIEU, 1998, p. 58).

A instituição religiosa, portanto, estabeleceu-se, no curso de sua história, em três níveis interdependentes em seu desenvolvimento: o culto, a doutrina e a organização, precisamente decorrentes da necessidade de preservar o conteúdo das crenças religiosas contra o sentimento de sectarismo e as heresias, decorrentes de algum protesto.

Há, para Max Weber (1999), sob o aspecto sociológico, uma oposição bem clara entre sacerdote e mago, principalmente quando levamos em consideração a diferença entre “culto” e “magia”, embora não seja tão fácil assim a distinção, já que os magos, semelhantemente aos sacerdotes, possuem um saber específico, por vezes, muito mais intenso em sua área. A distinção está muito próxima ao que chamamos de diversidade do caráter geral do saber específico e no exame das formas de dominação. Os magos chamam de aspiração à “reencarnação por meios irracionais”, cujo saber é o conhecimento empírico da magia, enquanto para o sacerdote o saber está mais voltado ao “desenvolvimento de um sistema racional de pensamentos religiosos”, ou seja, “o desenvolvimento de uma ‘ética’ sistematizada e especificamente religiosa,

com forte base na doutrina e evidenciada no que chamamos de ‘revelação’” (WEBER, 1999, p. 294-295).

Em termos de definição, segundo o autor, podemos definir sacerdotes como aqueles funcionários profissionais que, por meio de veneração, influenciam os deuses, ao passo que cabe aos magos o contato com os demônios pela magia. Ou ainda, sacerdotes, para muitas religiões, seriam os funcionários de uma empresa permanente, regular e organizada, visando à influência sobre os deuses, em oposição aos poderes dos magos que, de forma individual e ocasional, prestam serviços de magia.

Esses profissionais, capazes de influenciar poderes supra-sensíveis e submetê-los a fins humanos, precisam necessariamente estar embasados numa ética religiosa que conduza a práticas de virtudes, e não meramente motivados pela satisfação desmedida de seus desejos egoístas, pois, no processo de manipulação de pessoas e objetos, seja na magia, seja no culto, estão, muitas vezes, carregadas de tabus, símbolos de confraternização. Assim, a ação religiosa, sob a garantia do *tabu*, de forma irracional ou racional, simples e puramente obedece a uma legalidade constituída, que atribuirá, com base nas experiências sobre doenças e outros malefícios, o caráter de sagrado àquilo que se tornou habitual. Na magia, a ética na crença nos espíritos está desenvolvida na idéia de que aquele que infringe as normas divinas desobedece ou contraria ao deus que impôs determinadas ordens.

Nesse ínterim, a depender do contexto socioreligioso, surgem, então, os profetas que têm atributos de anunciar e denunciar novas malfeitorias, do tempo presente ou dos antepassados, que desafiam a bondade de Deus, contrariando a sua vontade, ao ponto de fazer perder o seu povo por meio de calamidades. São os profetas, chamados de portadores da salvação, que surgem de vez em quando, no meio de um povo, e fazem prescrições mágicas que têm por resultado o direcionamento ao caminho da salvação, mediante sua vida exemplar, quando anunciam uma “nova” doutrina religiosa ou um mandado divino. Sua profecia tem a função de desvalorizar os elementos mágicos do sacerdote constituído e, conseqüentemente, atrair adeptos ou discípulos à sua missão e dela esperam a salvação que poderá vir, não exclusivamente, por meio de uma nova instituição.

### **Do protesto à dissidência**

Para Wach (1990, p. 192), “todas as religiões enfrentam de tempo em tempo protestos contra a tendência principal do seu desenvolvimento”. Esses

protestos surgem no campus da teologia, do culto e da organização e são contrários à crescente expansão da organização eclesial, bem como suas deficiências e omissões. Assim, toda vez que o protesto se torna radical, corre-se o risco de se transformar em uma dissidência. Caso não ocorra nenhuma cisão, os novos pensamentos ou posições de um determinado movimento podem assumir formas subjugadas de obediência às normas estabelecidas pela instituição religiosa, adquirindo, portanto, um tipo de organização especial que garante abrigo aos seguidores do novo movimento, a exemplo das ordens monásticas do catolicismo em que seus fundadores foram clérigos e leigos.

O autor (WACH, 1990, p. 193) cita-nos quatro tipos de protesto que são encontrados nos períodos primitivo, medieval e da Reforma da história da Igreja: o protesto isolado, a crítica individual, o desvio na prática do restante da comunidade e, por último, o protesto coletivo. Assim, o protesto individual pode, a depender das circunstâncias, tornar-se coletivo, principalmente quando formulado dentro da organização COM intenções de separação.

### **O movimento da Renovação Carismática Católica**

A Renovação Carismática Católica (RCC) surgiu nos Estados Unidos, em fevereiro de 1967, originalmente, nas dependências da Universidade de Duquesne, na mesma cidade, em um encontro de professores e acadêmicos, denominado “fim de semana de Duquesne”, o que caracteriza o movimento como essencialmente leigo. Não obstante, as influências do avivamento protestante, ocorridas nas décadas de 50 e 60, fizeram com que muitos católicos fossem atraídos por determinadas expressões evangélicas. Aliás, é a partir da experiência com o universo espiritual protestante de estudantes de pós-graduação da Universidade de Duquesne, a exemplo de Steve Clark e Ralph Martin, líderes fundadores, que a Renovação Carismática Católica se desenvolveu.

Esses leigos, após a leitura de alguns livros espirituais protestantes – **A cruz e o punhal** e **Eles falam em outras línguas** –, procuraram alguém que tivesse feito experiência ou tivesse recebido o batismo no Espírito Santo. Ao entrarem num grupo de oração presbiteriano, foram batizados no Espírito Santo e, logo em seguida, num final de semana (retiro de Duquesne), reuniram cerca de 30 jovens universitários que também receberam ali o batismo do Espírito Santo. Daí em diante, o crescimento nos Estados Unidos foi muito rápido, atingindo, no Primeiro Congresso Nacional, realizado naquele país, em 1968, centenas de pessoas. Em 1974, participaram do Segundo Congresso Internacional da RCC cerca de 30 mil pessoas, oriundas de 35 países. Nessa

época, a Renovação Carismática Católica atingia, aproximadamente, cerca de 800 mil adeptos, espalhados pelo mundo (BARROS JR., 1993). Daí em diante, a experiência com o Espírito Santo chegou a outros países, atingindo todos os continentes.

Historicamente, segundo a Comissão Nacional de Serviço da RCC, a chegada da Renovação Carismática ao Brasil, vinda dos Estados Unidos, ao interior de São Paulo, deu-se em 1972, pelos padres jesuítas, a exemplo dos padres Eduardo Dougherty e Haroldo Rahm (PRANDI; SOUZA, 1996). Em seus primórdios, muitos católicos foram influenciados pelas experiências da segunda onda pentecostal, entre os anos 50 e 60, o que não tardou para a ocorrência de muitas dissidências de leigos ao abandonarem a Igreja Católica e aderirem a denominações evangélicas. Isso se deve ao fato de que, inicialmente, a forte rejeição, por parte do clero, do novo movimento e a sua não-aceitação nas paróquias fizeram com que muitos grupos iniciantes se reunissem em residências particulares e administrassem ali o culto carismático. Por conseguinte, muitos desses leigos católicos (entre esses surgem os primeiros líderes) recusaram-se a abandonar a Igreja, buscando viver nela – mesmo sob a indiferença do clero – as experiências carismáticas.

Esse movimento vem despertando a atenção da mídia e de pesquisadores de diferentes áreas, que buscam examinar princípios teológicos, litúrgicos e sociais a partir da maneira de expressão e do seu ritual e anúncio querigmático. Nesse sentido, apesar da sua vertente católica, o Movimento da RCC é caracterizado por alguns paradoxos. Apresenta-se como fenômeno já ocorrido nos primórdios da Igreja primitiva e, ao mesmo tempo, contemporâneo; tradicional e, ao mesmo tempo, renovador; elitista e, ao mesmo tempo, popular; formal e, ao mesmo tempo, espontâneo; separatista e, ao mesmo tempo, congregador etc.

É com base em um contexto social e político dessacralizado, no qual a tecnologia construiu um mundo onde Deus não se torna mais necessário, conforme Max Weber (1999), que surge a Renovação Carismática Católica, destacada por sua nova maneira de vivenciar e expressar a religião, num ambiente que Globalização e Religião apresentam-se, aparentemente, como antagônicas. Embora saibamos que todo o processo de secularização e, conseqüentemente, de pluralidade religiosa, foi um dos assuntos mais discutidos pelos profissionais da Sociologia da Religião, não nos resta dúvidas de que não houve a diminuição da religiosidade das pessoas e, de certa forma, nas sociedades em geral, conforme Peter Berger (2001, p. 9-24). Para esse autor,

podemos perceber a perda de influência das instituições religiosas conquanto práticas novas ou antigas, o que não significa, necessariamente, o fim da instituição religiosa. Segundo Berger, as instituições podem operar em termos sociais e em relação à consciência individual. Em outras palavras, uma instituição religiosa pode permanecer atuando socialmente ou politicamente, enquanto poucas pessoas manifestem adesão a ela.

### O culto carismático *versus* o culto tradicional

Os conflitos existentes desde o início do Movimento RCC com a Igreja Católica evidenciam claramente, a partir do momento em que a instituição oficial não aceita o movimento ou restringe suas práticas, aquilo que Bourdieu chama de interesses religiosos, uma vez que a Religião, “enquanto sistema simbólico estruturado”, [...] “funciona como princípio de estruturação” (1998, p. 45) capaz de exercer um efeito de “consagração”, pois “através de suas sanções santificantes [...] contribui para a *manipulação simbólica das aspirações* que tende a assegurar o ajustamento das esperanças vividas às oportunidades objetivas” (1998, p. 46) e, conseqüentemente, “inculca um sistema de práticas e de representações consagradas [...] para o reforço simbólico de suas sanções” (1998, p. 46).

Em outros termos, para o autor, a religião considera “certos tipos de movimentos religiosos como as heresias medievais, como uma forma disfarçada da luta de classes” (BOURDIEU, 1998, p. 47), conseqüências do seu poder legitimador, uma vez que o interesse religioso de um grupo, em certas práticas ou crenças de um determinado tipo de bens de salvação (entre os quais a própria mensagem religiosa), é função do reforço que o poder de legitimação do arbitrário contido na religião [...]” (BOURDIEU, 1998, p. 45).<sup>6</sup>

A nosso ver, quando nos referirmos ao Movimento Carismático Católico, percebemos que, conforme sua história, e por ser, eminentemente um movimento leigo, administrado por fiéis leigos, sem, necessariamente, precisar dos serviços ministeriais do sacerdote e apresentar-se como contribuição a uma política de desclerificação, nada mais natural que chamasse a atenção, em especial daqueles profissionais do culto tradicional. O culto carismático, de certa forma, desviava-se, significativamente, da forma sacralizada (efeito de consagração) pela Igreja, cujo ministro ordenado é quem preside a celebração,

<sup>6</sup> A religião, para Bourdieu, busca sempre legitimar as propriedades materiais e simbólicas, a partir de uma determinada posição na estrutura social (BOURDIEU, 1998, p. 45).

conforme nos evidenciou Bourdieu (1998), acima citado. Segundo Nunes (2004), o movimento é visto como uma “Renovação conservadora. Com idéias tradicionalistas e formas de comunicação inovadoras” (p. 26).

Por outro lado, para o mundo católico, o movimento implicou um crescente, mas não tão significativo, retorno de fiéis e de novos adeptos ao seio da Igreja Católica tradicional, que vem, *pari passu*, “diminuindo de tamanho” e perdendo espaço aos novos movimentos religiosos, conforme evidencia Pierucci (2004, p. 13). Nessa busca, sempre mais freqüente, de possíveis soluções aos seus problemas, resultados da crise da modernidade, a Igreja Católica procura nadar contra a correnteza. O catolicismo ou “qualquer religião tradicional, majoritária, numa sociedade que se moderniza, estará fadada a perder adeptos” (PIERUCCI, 2004, p. 14), uma vez que, no atual contexto de “fatalidade sociocultural quase tão implacável quanto à genética dos caranguejos: toda a religião tradicional ou majoritária tende a andar para trás” (PIERUCCI, 2004, p. 14). O contexto atual é marcado pela proliferação de seitas pentecostais e de diminuição significativa do público católico.

Em ofensiva a essa realidade, o MRCC, com seu novo estilo celebrativo, tem conferido à religiosidade católica maior interiorização e vivência espiritual marcada pelas emoções. As pessoas vivenciam o Sagrado, num processo coletivo, mas de experiências individuais. Isso possibilita entrar em contato com o transcendental (o Espírito Santo), experimentá-lo, a partir das próprias emoções, o que, certamente, o rito carismático veio proporcionar, quando as antigas formas rituais, celebradas no rito tradicional católico, apresentavam-se, para muitos fiéis, algo sem sentido e enfadonho. Com efeito, gestos, orações em público e louvores em voz alta, o uso dos carismas e a leitura direta da Bíblia e sua interpretação contextualizada fizeram com que o movimento arrebanhasse um público muito fiel. O processo de conversão, participação ativa nas atividades de culto e o exercício dos carismas diferenciam o movimento, significativamente, dos leigos do catolicismo popular e o aproximam dos evangélicos pentecostais.

Entretanto, o movimento, em sua origem, e até mesmo, na atualidade, apesar do reconhecimento pelo alto clero da Igreja (os papas Paulo VI e João Paulo II e o respaldo de alguns documentos do Vaticano II, cujo movimento se ampara), encontrou forte resistência pela ala clerical (a rejeição, a não-autorização e condenação, às vezes, pública do movimento), ao ponto de, em certas ocasiões, ocorrer a perda de leigos líderes e influentes para denominações

protestantes e, em poucos casos, a ocorrência de cismas.<sup>7</sup> No Brasil, temos conhecimento do cisma dos carismáticos, abaixo mencionado, embora haja necessidade de uma investigação empírica e mais detalhada, a fim de saber realmente se aqueles que se dizem ex-membros da RCC o são de fato. Como até o momento não encontramos nenhuma literatura que registre essa dissidência, tomamos a liberdade de mencionar duas Igrejas dissidentes.

Na verdade, os leigos do MRCC – diferentemente dos demais leigos, que concebem simplesmente a religião como algo natural dos seres humanos, sem intuito ao consumo autônomo e, principalmente, por serem, muitas vezes, desconhecedores da doutrina e desmotivados de qualquer estudo bíblico – passaram a “incomodar” a elite clerical. Ao ponto de, *mutatis mutantis*, provocar “certa” concorrência na disputa pelos fiéis-leigos que lotavam os encontros dos grupos de oração e que, a princípio, “valorizavam” muito os carismas espirituais, as pregações e orações de curas dos leigos-líderes, em detrimento da celebração da missa. Em termos de exemplificação, tomemos um trecho do texto do Pe. Jonas Abib, considerado um dos iniciadores do movimento no Brasil, ao referir-se aos padres, religiosos e religiosas da Igreja de visão mais tradicional:

Os padres, os religiosos e as religiosas precisam ser vivificados pelo Espírito que ressuscitou Jesus dos mortos. A solução para todos eles é serem batizados no Espírito Santo. [...] Eles não estão diante de carismáticos, mas diante do remédio que Deus tem para eles; não são convidados para entrar na Renovação Carismática, mas a se curar através do remédio que Deus lhes dá: o batismo no Espírito Santo. Porque somente o Espírito daquele que ressuscitou Jesus dos mortos pode e vai ressuscitá-los se eles se deixarem encher do Espírito Santo. (ABIB, 1994, p. 77-78)

O discurso do combate direto, em palestras gravadas ou em livros, mudou muito nos últimos anos, principalmente, após o reconhecimento pelo Vaticano e pela pessoa de João Paulo II, que sempre se mostrou simpatizante em seu pontificado; todavia, não deixou de ser uma ameaça a alguns profissionais da religião que, por sua vez, se sentiram, em alguns aspectos, usurpados naquilo que diz respeito à autonomia na administração dos bens simbólicos.

A RCC, embora não tão bem aceita por muitos outros membros da Igreja Católica, sendo até mesmo acusada por alguns de movimento herético,

<sup>7</sup> Em nossa pesquisa, identificamos como Igrejas supostamente cismáticas a Igreja Católica Carismática (ICC), com sede em Belém, que se autodenomina uma Igreja unionista que trabalha pela reunificação da Grande Santa Igreja Católica Apostólica, e a Igreja Católica Apostólica (ICAC), com sede em São Paulo ([www.igrejacatolicacarismatica.org.br](http://www.igrejacatolicacarismatica.org.br) e [www.paroquiabomjesus.com.br](http://www.paroquiabomjesus.com.br)).

goza de alguns discursos e apoio papais, desde Paulo VI a João Paulo II, o que caracteriza seu reconhecimento. Isso, na verdade, faz com que a Renovação Carismática, a partir do apoio pelo Vaticano, no Pontificado de João Paulo II, e, apesar de algumas divergências em relação à Igreja tradicional, continue atuando com certas restrições.

### **Orientações pastorais sobre a Renovação Carismática Católica**

A princípio, referimo-nos a alguns Teóricos da Religião no intuito de oferecer subsídios teóricos ao nosso assunto aqui debatido, qual seja, tentar mostrar que a religião ou seus profissionais especializados devem sempre responder às eventuais dificuldades ou ameaças contextuais que, certamente, se instauram no interior do campo religioso. E que, por ser legitimadora, a Igreja, ao elaborar determinadas diretrizes e normas, a exemplo do documento em análise, busca impor através da sistematização a sua legitimidade, a fim de manter o monopólio dos bens de salvação e garanti-lo ao confronto de qualquer ameaça à instituição religiosa.

Nossa pretensão, afinal, na análise desse documento (CNBB, 1994) é de tentar mostrar alguns aspectos do sistema religioso, presentes no referido documento, que apontam, evidentemente, para aquilo que Bourdieu (1998) explica acerca da estrutura e funcionamento do campo religioso; que a religião (Igreja Católica) “inculca um sistema de práticas e de representações consagradas”, principalmente quando se vê ameaçada e, no caso específico, aqui tratado, reconhece o movimento, oficializando-o, apesar de algumas restrições, no firme propósito de que ele (MRCC), em se tratando de um contexto de perda crescente de fiéis, possa assegurar, senão aqueles que se encontram no redil católico, aqueles que “perdeu” para outras denominações.

### **Análise do documento**

Na época da elaboração do documento, na 34<sup>a</sup> Reunião Ordinária do Conselho Permanente, em 1994, ocupava o cargo de presidente da CNBB, Dom Luciano Mendes de Almeida, quem, é importante frisar, trabalhou em favor das causas sociais e foi importante articulador nos encontros da CNBB e do CELAM.

Após reunião e estreito diálogo com a Comissão Nacional da RCC e com bispos e padres ligados ao movimento, na 34<sup>a</sup> Assembléia Geral da CNBB, redigiu-se o documento 53, cujo conteúdo é um texto reflexivo e normativo

direcionado aos membros da RCC, de modo especial àqueles que fazem parte da liderança. Sua intenção é de que os membros da RCC possam, no contato com as diretrizes, deixar-se guiar pelas instruções normativas do episcopado brasileiro, a fim de viver a sua *práxis* sem causar nenhum constrangimento à Igreja, ou seja, sem desviar-se com os ensinamentos doutrinários católicos. Segundo o texto:

Nossa missão nos leva também a ajudar a discernir as verdadeiras moções do Espírito, incentivando tudo aquilo que contribui para o crescimento da Igreja e a realização da sua missão. Em tudo, a busca da fidelidade deve ser constante, busca realizada na humildade e em espírito de comunhão. (CNBB, 1994, p. 8)

O texto inicia-se, em seu primeiro capítulo, fazendo menção ao Espírito Santo no mistério e na vida da Igreja. Nesse propósito, faz uma retomada bíblica à constituição do ministério da Igreja e, quando faz menção ao acontecimento de Pentecostes, considerado como o mito inicial do movimento. Faz também menção ao Espírito Santo como o protagonista de toda missão eclesial, o que leva a Igreja, no seu todo, a evangelizar com “renovado ardor missionário”.

É sabido que, à época da escrita do documento, na RCC, existiam algumas dificuldades na utilização e nos exercícios e desenvolvimento do culto carismático. A preocupação de muitos bispos, párocos e padres das Igrejas particulares era com as práticas rituais exercidas pelos grupos de oração carismáticos, mais especificamente o uso dos carismas, a exemplo da oração em línguas, alguns termos que se tornavam ambíguos como “batismo” no Espírito Santo, o “repouso no Espírito”<sup>8</sup> e a “Imposição das mãos”,<sup>9</sup> algo estranhamente executado por um fiel-leigo até o final dos anos 50. Esses assuntos passaram a incomodar e, de certa forma, a ameaçar as autoridades da Igreja. A imposição das mãos sobre uma outra pessoa no propósito de fazer oração, tanto para cura física, emocional, quanto para a libertação espiritual, chamou a atenção dos bispos, uma vez que essa prática só era conferida pela Igreja aos seus ministros ordenados e, por essa razão, não deixou de provocar certa concorrência entre leigos e clero.

Como não era prática católica, na época do documento, o “culto carismático” em todas as paróquias e ainda por se tratar de algo “novo” para muitos

<sup>8</sup> Para o Pentecostalismo Católico, significa ser dominado pelo amor de Deus e, por isso, a pessoa, às vezes, cai ao chão e fica, por alguns minutos, como se estivesse dormindo (WALSH, 1987).

<sup>9</sup> Essa prática chamou a atenção dos bispos do Brasil, uma vez que a imposição das mãos só é conferida aos seus ministros ordenados e, por essa razão, não deixou de haver certa concorrência entre leigos e clero.

padres e bispos na Igreja, o movimento não deixou de causar certas polêmicas. Ao passo que, em muitos casos, haver restrições ao uso dos carismas nos encontros de oração, quando muito a proibição, por parte do clero (bispos e padres) do movimento em suas dioceses ou paróquias. Tais proibições fizeram com que algumas pessoas que se consideravam integrantes do Movimento da Renovação Carismática Católica fundassem em São Paulo e no Estado do Pará duas instituições religiosas, denominadas, respectivamente, de “Igreja Católica Apostólica Carismática (ICAC)” e “Igreja Católica Carismática” (ICC). Esta última diz estar sob a chefia de Bento XVI, e seus membros não se consideram cismáticos, embora não haja confirmação por parte da Igreja Católica Romana, enquanto a primeira é uma denominação neopentecostal existente no Brasil, mais especificamente, em São Paulo. Supostamente, essas instituições surgiram da Renovação Carismática Católica (RCC), já que utilizam seus principais elementos e outros de seitas pentecostais. Seus líderes são denominados padres e realizam missas, contudo, para o catolicismo romano, o valor dessas missas é considerado nulo.

O culto “barulhento” análogo aos dos pentecostais ganhou quase todas as paróquias e comunidades, e, por esse motivo, muitos profissionais religiosos estavam, nos anos 70, 80 e, em especial, 90, passando pelos mesmos problemas. Daí, a exortação do seguinte texto:

Não poderá, portanto, retirar-se dos problemas e ambigüidades da convivência humana, mas buscará construir fraternidade. ‘não são os que dizem Senhor, Senhor que entrarão no Reino de Deus, mas os que fazem a vontade de meu Pai que está nos céus’. (Mt 7, 21) (CNBB, 1994, p. 13)

E, em relação aos dons espirituais: “Esses dons são sempre para o serviço da comunidade (cf. 1Cor 14). Não é a experiência dos carismas que exprime a perfeição da salvação, mas a caridade que deve perpassar toda a vida do cristão (cf. Mc 12, 28-31; Cor 13)” (CNBB, 1994, p. 14).

Ao tratar em específico no item “Orientações pastorais”, retoma o discurso do Concílio Vaticano II acerca da unidade, santidade, catolicidade e apostolicidade da Igreja de Cristo, a fim de fazer-se legítima, conforme vimos, acima, em Bourdieu (1998), ou seja, conquanto *princípio de estruturação*, cujo efeito é o de *consagração*. Observamos, portanto, no documento que a Igreja *inculta*, pois, *um sistema de práticas e de representações consagradas*:

[...] a comunidade eclesial [...] a celebração da eucaristia e dos outros sacramentos, a vida de comunhão do Povo de Deus com seus carismas e ministérios, entre os quais

sobressai o ministério episcopal-presbiterial-diaconal, que tem a responsabilidade de garantir os laços que unem a comunidade de hoje com a Igreja apostólica e com o projeto missionário, evangelizador, que lhe é confiado até o fim dos tempos. (CNBB, Doc. 45, 1991, 196, *apud* CNBB, 1994, p. 15)

No que compete à liberdade associativa dos leigos, menciona o reconhecimento pelo Direito Canônico e a exortação *Christifideles Laici*, de João Paulo II, e os critérios fundamentais para qualquer associação leiga na Igreja, tais como a profissão de fé na Igreja e a comunhão sólida e a participação imprescindível na vida de solidariedade.

O texto reconhece ainda a presença da RCC e sua contribuição trazida à Igreja no Brasil e, apesar das diversidades de carismas, percebe a necessidade da Igreja de corrigir o que for necessário. Em seguida, menciona a designação de um “Assistente Espiritual”, na figura de um bispo, para possíveis resoluções relacionadas às questões de caráter nacional e o serviço pastoreio como garantia de que as orientações sejam devidamente aplicadas, lembrando que a RCC deve seguir as orientações pastorais da Igreja particular.

No item 23, a exortação é dirigida aos bispos e párocos, no sentido de que esses devam acompanhar as orientações em suas comunidades. Faz também forte apelo aos membros do MRCC para aprofundar seus estudos acerca da Igreja. Por outro lado, o texto (item 25) instrui que alimentem o espírito na comunhão eclesial e o compromisso com a evangelização da paróquia e da diocese. E, em seguida, “deve-se também reconhecer a legitimidade de encontros e reuniões específicos da RCC nos quais seus membros buscam aprofundar sua espiritualidade e métodos próprios, dentro da doutrina da fé e da grande comunhão da Igreja Católica” (CNBB, 1994, p. 18).

Ao referir-se à leitura das escrituras, demonstra sua preocupação com a leitura da palavra de Deus em seus encontros, principalmente o cuidado em não cair no fundamentalismo e no intimismo ao interpretar a Bíblia de modo subjetivo. O apelo é de que os membros do movimento devem, portanto, seguir as orientações do Magistério da Igreja e uma formação urgente acerca da doutrina e da Bíblia.

Quanto à Liturgia, faz primeiramente alguns comentários acerca da riqueza da liturgia da Igreja e da sua dinamicidade, uma vez que, em muitas paróquias, a preocupação do clero era também como a Bíblia vinha sendo interpretada por qualquer leigo sem nenhuma instrução teológica. Por isso, o documento esclarece que leigo ou sacerdote,

na celebração da missa, não se deve salientar de modo inadequado as palavras da Instituição, nem se interrompa a Oração Eucarística para momentos de louvor a Cristo presente na Eucaristia com aplausos, vivas, procissões, hinos de louvor eucarístico e outras manifestações que exaltem de tal maneira o sentido da presença real que acabem esvaziando as várias dimensões da celebração eucarística. (CNBB, 1994, p. 22)

Após breve exposição sobre as experiências religioso-cristãs no que diz respeito às dimensões da vivência da fé, abre-se um item para discutir “questões particulares”. A princípio, sobre terminologias ambíguas tanto usadas na celebração da Missa quanto nos Encontros Semanais de Orações, uma vez que alguns termos, tal como “Batismo no Espírito Santo”, não deveria ser usado para não confundir os fiéis católicos de modo em geral. Orienta-se, desse modo, que, no lugar da palavra “batismo”, seja usado “efusão”, significando, portanto, “derramamento do Espírito Santo”. Dessa forma, não haveria o comprometimento do vocábulo em uso freqüente na celebração do sacramento do batismo.

Logo em seguida, no item 55, discute-se, na verdade, sobre os dons e carismas (respaldado em 1 Cor 12, 31; 13, 13), assunto esse polêmico e que, pelo fato da divergência de interpretação de muitos teólogos, os bispos pedem que exerçam uns e evitem outros, até que novos estudos apresentem novos entendimentos. “Haja muito discernimento na identificação de carismas e dons extraordinários” (CNBB, 1994, p. 27). E ainda:

Diante das pessoas que teriam carismas especiais, o juízo sobre sua autenticidade e seu ordenado exercício compete aos pastores da Igreja. A eles, em especial, cabe não extinguir o Espírito, mas provar as coisas para ficar com o que é bom (cf. 1 Ts 5, 12. 19.21.). Assim, no que se refere aos carismas, a RCC se atenha rigorosamente às orientações do Bispo diocesano. (CNBB, 1994, p. 27-28)

Ao finalizar o texto, explica a terminologia, respaldada na fundamentação bíblica, sobre “Orar e falar em línguas”, mencionado em 1 Cor 14, 19:

Dom da profecia, dom para bem da comunidade e não tem em vista adivinhações futuras, e sobre o poder do mal e exorcismo, o cuidado de atribuir tudo ao demônio e que o exorcismo só pode ser exercido de acordo com o que estabelece o Código de Direito Canônico (Cân. 1172). Por isso, seja afastada a prática, onde houver, do exorcismo exercido por conta própria. (CNBB, 1994, p. 29-30)

Em suma, procuramos evidenciar o pensamento de Bourdieu (1998) no que compete à natureza particular dos interesses religiosos e à forma legitimadora no estabelecimento de suas funções, o que foi, por nós elucidado, com base na leitura interpretativa do documento 53, quando tratamos da elaboração

de diretrizes e normatizações para o Movimento da Renovação Carismática Católica.

Ao tratar sobre o rito da RCC, percebemos que a preocupação em relação a ela, por parte do clero, é evidenciada ao mencionar o perigo do sentimentalismo e emoções exageradas, cujo pensamento evidenciamos em O’Dea (1969), ao citarmos o perigo de dissidência e a criação de outras seitas. Baseando-nos nas idéias desse autor, pudemos perceber também que o *caráter revolucionário* não se encontra acentuado como característica do movimento, embora, conforme relatado, o dinamismo e a revolução interna tenham provocado a atenção por parte dos profissionais do culto tradicional sagrado.

De um lado, houve, contudo, no MRCC, certo rompimento com o passado (O’DEA, 1969), com algumas práticas do catolicismo popular, o que não impediu que o MRCC mantivesse um novo espírito de coerência e unidade católica. Por outro lado, “certos grupos” dissidentes, em não concordando com algumas regras ou proibições, resolveram desligar-se da Igreja Católica Romana, preservando, assim, “a idéia de se transformar numa organização eclesial”. Em contrapartida – ao não reconhecer grupos que surtem como protestos (Igreja Católica Apostólica Carismática e Igreja Católica Carismática) e, conseqüentemente, tornam-se dissidentes, ou ao não validar seus cultos e rituais –, a Igreja Católica considera esses movimentos ou instituições como profanadores, visto que eles constituem uma contestação objetiva do monopólio da gestão do sagrado.

Conforme entendimento de Weber, o sacerdócio, a fim de “manter sua posição de poder, freqüentemente tem de condescender, em alto grau, às necessidades dos leigos. As três forças atuantes no círculo dos leigos são: 1) a profecia; 2) o tradicionalismo leigo; e 3) o intelectualismo leigo” (WEBER, 1999, p. 313). Esse autor considera que a “Religião cumpre funções sociológicas”. À luz de Weber, percebe-se que o documento “Orientações pastorais sobre a Renovação Carismática Católica”, ao tentar coibir ou regrar certas incoerências (doutrinárias, teológicas, rituais ou de organização) usa do poder de dominação. Ao se impor, encontrou ressonância e obediência a determinado conteúdo do documento. Por esse motivo, a Igreja usou de sua legitimidade de caráter tanto carismática (reconhecer o movimento como eclesial) quanto tradicional (ao usar recursos bíblicos e da tradição católica).

Ao fazer uso de seu produto religioso, isto é, das diretrizes reguladoras da prática e dos exercícios dos carismas dos membros (leigo-consumidores)

da renovação carismática, a Igreja Católica – representada aqui por seus profissionais legítimos em seus deveres administrativos – recorre à sua força autoritária eclesial. E, assim, busca coibir qualquer resistência por parte dos membros do movimento e manter o monopólio dos bens da salvação. Para tanto, reconhece o movimento como eclesial, todavia, normalizando certas incoerências em sua prática, que, por sua vez, podem repercutir como ameaças à sua hegemonia. Por fim, com base na análise do documento 53, tentamos mostrar, sobretudo, que esse poder de legitimação presente na Igreja Católica, em relação ao MRCC, exerce, pois, força material e simbólica.

### Abstract

Based on the theory of religion, according to which religion or religious work, carried out by specialized professionals invested with institutional power, must always face eventual difficulties, instabilities or contextual threats found in the religious field, this article focuses on the particular nature of religious interests and the legitimizing form in which their religious functions are established for the elaboration of guidelines and norms for the Catholic Church. In order to restrain some practices and to make the MRCC laymen (*Movimento de Renovação Carismática Católica* – Movement for the Catholic Charismatic Renewal) carry out some specific actions (*habitus religiosus*), the CNBB bishops (*Conferência Nacional dos Bispos do Brasil* – National Conference of Brazilian Bishops) elaborated CNBB document 53. In that sense, we try to demonstrate, *in concreto*, that the priestly practice and systematizations imposed by the Catholic Church, whose body of professionals (priests) are its legitimate representatives bureaucratically organized in their administrative duties, endeavor to keep the monopoly of salvation. Thus, in announcing that *extra ecclesiam nulla salus*, in opposition to any internal or external threats, they attempt to guarantee the legitimizing power that a religion exerts on the material and symbolic force.

**Key words:** Theory of religion; Catholic Church; Clerical resistance; Charismatic Renewal.

### Referências

- ABIB, Jonas. **Orando com poder**. 2. ed. Campinas: Raboni, 1994.
- BARROS JR., Francisco de O. **Queremos Deus na Aldeia-Aldeota: a RCC na Arquidiocese de Fortaleza**. 1993. 240 f. Dissertação (Mestrado), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- BERGER, Peter. A dessecularização do mundo: uma visão global. **Religião e sociedade**, v. 21, n. 1, p. 9-24, 2001.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução dos originais mediante versão dos Monges de Maredsous pelo Centro Bíblico Católico. 96. ed. São Paulo: Ave-Maria, 1992.

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. In: BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. p. 34-98.

CONFERÊNCIAS NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Orientações pastorais sobre a Renovação Carismática Católica**. São Paulo: Paulinas, 1994. (Documentos da CNBB n. 53).

CSORDAS, Thomas J. **Language, charisma, and creativity: the ritual life of a religious movement**. Berkeley: University of California Press, 1997.

NUNES, Maria José Rosado. O catolicismo sob o escrutínio da modernidade. In: SOUZA, Beatriz Muniz de; MARTINO, Luís Mauro Sá. **Sociologia da religião e mudança social**. católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil. São Paulo: Paulus, 2004.

O'DEA, Thomas F. **Sociologia da religião**. São Paulo: Pioneira, 1969.

PIERUCCI, Antonio Flávio. Secularização e declínio do catolicismo. In: SOUZA, Beatriz Muniz de; MARTINO, Luís Mauro Sá. **Sociologia da religião e mudança social: católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil**. São Paulo: Paulus, 2004.

PRANDI, Reginaldo; SOUZA A. R. **Catolicismo, reação e conflito: renovação carismática versus CEBs**. Trabalho apresentado na XX Reunião Brasileira de Antropologia, Salvador, abril de 1996.

WACH, Joaquim. **Sociologia da religião**. São Paulo: Paulinas, 1990.

WALSH, Vincent M. **Manual para líderes carismáticos**. São Paulo: Loyola, 1987.

WEBER, Max. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Tradução Regis Barbosa e Karen E. Barbosa. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.